

A GLÓRIA É EFÊ-
MERA, MAS NA
DESTINAÇÃO ES-
TUDANTIL É IM-
PERECÍVEL.

RENASCIMENTO

ÓRGÃO DO CENTRO ESTUDANTAL PARNAÍBANO

Ano I

Parnaíba (Piauí) 17 de Março de 1946

N. 4

Pétalas e Espinhos

Sérgio Nóbrega de Oliveira

Muito se tem falado a propósito do nosso movimento estudantil. Uns não acreditam em seu progresso, opinam o seu desfarcelamento futuro — são os pessimistas. Outros creem em nossas vitórias e às vezes chegam a nos encorajar — são os otimistas. Alguns contribuem com o seu auxílio pecuniário e nos auxiliam enormemente — são os altruístas. Felizmente as pétalas derramadas em nosso caminho são por demais superiores aos espinhos, quase não sentimos a agudeza destes. Sabemos, perfeitamente, que não haverá vitória sem derrota, nem lutas sem sacrifícios. À nossa jornada encontraremos estorvos e espinhos, pétalas e incentivos.

Estamos, pois, preparados para a luta. Nada embargará o nosso desejo de lutar por dias melhores para o estudante. Eis as nossas realizações do presente e as perspectivas para o futuro, cujo desenrolar nos serviremos como assunto para o resto deste trabalho.

Continúa firme o Centro Estudantal Parnaíbano. Congregando a nossa mocidade, em torno de um centro, onde interpretando os seus anseios e direitos, se discutirá os problemas do estudante de nossa

terra, unificando-o em classe, tornando, assim, inquebrantável o elo de sua união.

Embora ainda tenha a idade de nosso C. E. P., muita coisa já se conseguiu e se há de conseguir para o estudante de Parnaíba. Dispomos já de uma sede, onde sentimos pulsar a célula máter de nossa sociedade. Possuimos já um órgão como meio do estudante externar, em letras de forma, os seus desejos de ascensão aos estudos, assim como a necessidade de um curso superior em nossa terra. Serão muitas cartas dirigidas às Companhias Editoras e aos Diretores da Instrução Pública nos estados, pelo que teremos mais tarde livros para a nossa Biblioteca, bem como oportunidade de conhecermos todos os movimentos estudantis já surgidos no Brasil e o nome de seus pioneiros, que ficarão eternizados na lembrança do estudante — como os nossos heróis.

Como agora todos os Colégios abrirão as portas para o acesso de seus estudantes em férias, tudo faz crer que as nossas fileiras serão engrossadas por elementos de valores até então anônimos; e o nosso C. E. P. terá a oportunidade de dar um grande

passo ou passos consecutivos à frente, despertando, dessa maneira, a coragem dos que nos auxiliaram, incentivando os que nos acompanham, satisfazendo os que nos aplaudem, dando, por fim, um vulto invulgar ao nosso incremento.

Esperamos, pois, que os diretores de colégios venham a nos auxiliar, demonstrando aos estudantes o sábio exemplo das nações unidas: enquanto se encontravam desunidas o inimigo semeava o mal em sua messe, dizimava as suas frações. Logo que se uniram, baqueou, dentro de curto período, o inimigo outrora tão invencível, tão descomunal...

Havendo uma compreensão mútua entre estudantes e professores, em torno do problema de instrução; havendo a demonstração de aprêço da família de Parnaíba para com o nosso movimento; havendo o encontro da boa vontade dos homens de governo aos nossos anseios; havendo a compenetração do estudante no papel que lhe for convidado; havendo, afinal, a nossa fidelidade aos princípios cristãos que servem de auréola à cidade, em breve tempo, o C. E. P. será um fato. Desaparecerão os preconceitos bestiais contra o estudante. E a nossa classe progredirá sob uma atmosfera de união e fraternidade. E, assim, se nivelará às montanhas da má vontade que se deparavam aos estudantes, em planícies concretas da realização de seus ideais.

Renascimento

Órgão do C. E. P.

Redação e Administração:

Travessa da Glória, 633

Diretor: — CÍCERO SILVEIRA VIANA

Red.-Chefe: — VICENTE P. C. PASSOS

Redatores:

Orfila Lima dos Santos

Sérgio Nóbrega de Oliveira

Valdemar Machado Siqueira

Antônio de Pádua Monte

José Fortes Magalhães

José de Oliveira Viana

VISIONÁRIO

CLOVIS RAMOS

Sei que sonhas, eu sei, sei que padeces
nostalgias de luz e suavidades;
ah! vês na vida o horror das crueldades
nas injustiças que tu não mereces!

Sei que vives de místicas Saudades,
de Anseios, de Misterios e de Preces;
sei que tua alma, — como se quisesses
salvar os homens das iniquidades

busca volver às célicas alturas,
aos mundos de Belezas e Harmonias,
onde vivem sonhando as almas puras;

e ante o Senhor, ante o seu sólio eterno,
num soluço de amor tu pedirias,
para haver neste mundo amor fraterno!

Últimas palavras de mulheres notáveis

De Madame Roland: — “Oh liberdade! Quantos crimes se cometem em teu nome!”

De Maria Antonieta: — (ao carasco, cujo pé pisava involuntariamente) — “Desculpe senhor, não o fiz de propósito.”

De Madame Stael: — “Amei a

Deus, meu pai e a liberdade.”

De Maria Stuart: — “Meu Deus! Esperei tanto em vós; entrego minha alma em vossas mãos.”

De Elizabeth de Inglaterra: — “Todo o meu reino, Senhor, por mais um minuto.”

De Mary Blandy: — (ao verdu-

go que a devia enforcar na Escócia) — “Por favor, não me pendure muito alto.”

Tipografia COMERCIAL

Presteza absoluta na entrega das encomendas

Rua Riachuelo, 646

Parnaíba

—

Piauí

Cantando Amôres

FERREIRA DA SILVA

Uma admiro pela formosura:
Que tem seu corpo airoso e delicado
que deixa a gente louco, embriagado,
por esta imagem bela e de ternura.

A Outra é mais bela, afetuosa e pura,
Com ela vivo um sonho doirado
O nosso ser já vive entrelaçado.
um amor puro, meigo, de candura.

Mas, se uma eu quero, a outra o amor ilude,
a dúvida me leva à sedução.
Duma quiz fugir, doutra já não pude...

E os dois amores vou levando. Embora
que seja na incerteza ou na ilusão.
cantando amores vou vivendo agora.

SONETO

Augusto Frederico Schmidt

Escravo em Babilônia espero a morte.
Não me importam os céus tristes e escuros,
Nem claridade, nem azues felizes.
Se espero a morte, escravo em Babilônia.

Escravo em Babilônia não me importam
Cantos que de Sião os ventos trazem
Com as inaudíveis, vozes de lembranças
Se espero a morte em Babilônia, escravo.

Não me importam amores e esperanças
Se escravo sou e a morte espero
Em Babilônia — onde me esqueço.

Do que fui, das auroras e dos sonhos
E da enganosa e pérfida doçura
Que neste exílio me precipitou.

PÁGINA DO PIAUÍ

DESLUMBRADO - VICENTE PASSOS

Há luzes que, num dado momento, brilham intensamente, brilham e ofuscam, mas logo desaparecem, com a mesma brevidade.

Também, há homens que nascem, vibram, fulgem e vibram, mas morrem logo após, deixando sobre a terra o vazio do seu corpo e a marca imensa do seu pensamento. É que "a beleza aspira á eternidade".

Foi isso o que pensei quando li, há poucos dias, "DESLUMBRADO", livro da autoria de José Newton de Freitas, poeta piauiense falecido em plena mocidade.

José Newton de Freitas era filho do professor Felismino Freitas Wéser, do magistério teresinense. Ainda bem moço, "algo dos céus já o impelira ao abismo maravilhoso das letras", no dizer de Celso Pinheiro.

Por um capricho do destino, não conseguiu o nosso poeta transformar em realidade seu grande sonho, sonho dourado há tanto tempo alimentado e com tanta paixão. Depois que a morte prematura já o levava à mansão dos justos é que seu pai, numa atitude sensitiva de último presente, juntou seus poemas em forma de livro e ofereceu áquelles que o compreendem.

"DESLUMBRADO" é o nome da obra. E, folheando-a, vemos que o poeta esteve mesmo deslumbrado sob a influência daquele "abismo maravilhoso". Olhando através de suas vidraças, via o mundo com aspectos diferentes e a vida sem o preço exorbitante que

lh'á damos.

Mas seus versos não são pessimistas, não mostram apenas os cardos do caminho. Escritos quasi todos na forma modernista, são na totalidade sentimentais, numa linguagem simples e cheia de emoção. São a força e beleza do pensamento jovem e idealista, que não se cansa de proclamar e repetir o que seus olhos vêem e o que sua alma sente, quando o atinge a seta da vida, quando o bálsamo do amor o embriaga.

Vemos, em DESLUMBRADO, poemas que falam das terras percorridas no seu passado, nos objetos de suas recordações; versos que demonstram um espírito irrequieto e cheio de aspirações, fustigado pelas asperezas da vida; poesias que discorrem com amor e patriotismo sobre as plagas inesquecíveis de sua terra natal; e vemos sobretudo as poesias amorosas, o amor, sempre o amor, que faz os poetas e enche os corações. Sim, Newton de Freitas não fez exceção á grande lei da poesia... Os cabelos, os olhos, a boca, as mãos, o nome, o andar, o retrato da mulher amada e a saudade de tudo isso foi assunto preponderante nas poesias sentimentais do nosso cantor.

Agora, leiamos algumas composições de José Newton de Freitas e guardemos o seu nome entre os poetas e homens de letras do Piauí.

COM SAUDADE

*Em teu retrato, olhos fitos,
eu penso cheio de mágua:
Teus olhos nêgros, bonitos,
e os meus tristes, rasos d'água.*

*E' que sinto dentro em mim,
apertando-me a garganta,
uma saudade sem fim
que é tudo e a tudo suplanta.*

*Quem foi que inventou saudade?
Eu juro como não sei.
Penso, ás vezes, (que maldade!)
Foste tu, quando te amei...*

*Saudade, aquele tem "sim",
naquela festa passada.
E hoje tu passas por mim,
fazes que não vêes, malvada...*

*Saudades o mundo encerra,
todos as têm, é verdade,
a minha é maior que a Terra,
eu sou a propria saudade!*

PIAUI

*Piauí, tristes bois mugindo ás madrugadas,
vaqueiros galopando loucos, nas chapadas,
aboindo tristeza e fazendo bravura,
fortes como titans, heróis anônimos!*

*Piauí a dansar perpetuamente ao vento,
no farfalhar contínuo dos carnaubais
e nos babassuais extensos, carregados,
nos tucunzais doirados pelos frutos.*

*Carros de boi rodando estrada em fóra, sempre
a gemer e a cantar uma triste cantiga,
uma canção que é como a alma da própria terra,
tão simples como o povo que a enobrece!*

*Parnaíba, garbosa e rica, encantadora,
a sorrir orgulhosa pelos seus jardins.
Teresina bonita, eternamente nova,
vez em quando surgindo nos meus olhos.*

*Piauí do primeiro amor de minha vida,
do primeiro jornal, do meu primeiro verso!
Piauí — poesia e beleza e saudade,
saudades dos meus sonhos que se foram!*

Quando terá o Norte a sua Universidade?

Já não estamos na época em que os cientistas eram tachados de curandeiros. As vítimas foram muitas, porém a ciência venceu largamente os descrentes, estabelecendo-se hoje galerias lembrando os lutadores contra os falsos princípios. Paracelso e Rogério Bacon bem merecem a nossa admiração. Aos poucos o empirismo foi cedendo ante os fatos. É pena, e muita pena, que as ciências morais não tenham seguido de perto as ciências naturais, física e química. Alexis Carrel nos fala, referindo-se às ciências médicas, do pouco progresso destas em frente àquelas, as naturais. E se as médicas ficaram atrás, muito mais longe ficaram as ciências morais provocando a distância até suicídios.

Em todo caso já estamos na época da técnica e para ela temos de apelar, lembrando-nos de que com ela salvamos a humanidade de recuar talvez alguns séculos, vencendo os totalitários.

Chamando a atenção de todos para a técnica, falamos diretamente ao nosso país, antevendo um grande progresso técnico para os próximos anos. É verdade que nos faltam boas universidades, com aparelhagem moderna. E, se nos referimos às universidades, é porque admitimos, como aquele estadista de São Paulo, que o nosso mal não é das massas e sim das elites. Ainda estamos em estado embrionário no que concerne a técnicos. Temo-los bons, mas poucos. A universidade é o foco de onde se irradia todo o progresso de uma nação, todo o futuro de um povo. Lá não se forma apenas o profissional; formam-se também as turmas que nos corredores e escadárias, entre duas aulas, discutem sem procurar dar solução imediata, ficando porém bem guardados para momento oportuno, problemas que julgamos importantes. Lá surge a associação das classes, o espírito de cooperação. Observem a diferença mesmo no meio dos ginásianos, entre os alunos que estudam preparando-se para provas em grupinhos de três, quatro, dos que estudam sós, isolados. Naqueles há o interesse pela coletividade; com estes o interesse é restrito, diminuto. Deste mesmo modo é lá no curso superior.

Urge, pois, que sejam criadas boas universidades e se contratem bons mestres, a fim — de se criar no Brasil uma geração de técnicos que nos levem ao lugar que merecemos. A técnica tem revolucionado o mundo;

revolucionará também o Brasil. Um passo já foi dado, ultimamente, com a transformação da Escola Politécnica de Ouro Preto em Universidade Técnica de Ouro Preto, com cinco especialidades.

Quando terá o Norte a sua Universidade? Não necessitamos apenas de nome, mas é necessário que a primeira apareça, trazendo ao norte preparo para os nortistas, trazendo ao norte os técnicos de que necessitamos, de vez que os poucos que temos, o sul, com suas propostas tentadoras, nos leva.

Com o advento da era da energia atômica, maiores se tornaram as responsabilidades dos técnicos. A eles cabe, talvez, até mesmo o destino da humanidade, bem como aproveitar um manancial de energia para fins pacíficos e mais humanos porque entraremos em uma época em que o combustível não será o impecilho do motorista; um simples átomo (e o colega Monte, no último número desse jornal, tem nos falado sobre átomos) acionará os mais diversos motores, trazendo-nos grande economia.

Porém até lá muito cabe aos técnicos, e mais ainda terá a humanidade de meditar. Sim, o segredo da bomba atômica é coisa provisória, pois em se tratando de ciência trata-se de um patrimônio dos povos. E é nessa altura que temos de apelar para as ciências morais, para as verdades eternas, para a boa vontade dos povos. Que surjam os outros técnicos, os da consciência, porque os técnicos da matéria já apareceram.

Orfila Lima dos Santos

Duas palavras de Vitor Hugo

Tirando Waterloo a Wellington e a Blucher, tira-se alguma coisa à Inglaterra e a Alemanha? Não. Nem essa ilustre Inglaterra nem essa augusta Alemanha entram no problema Waterloo. Graças ao céu, os povos são grandes fora das lúgubres aventuras da espada. Nem a Alemanha, nem a Inglaterra nem a França tiram a sua grandeza de uma bainha. Na época em que Waterloo não era mais do que o tinir de sabres, tinha a Alemanha, acima de Blucher, Goethe, e a Inglaterra, acima de Wellington, Byron.

(OS MISERÁVEIS)

Observações

MÁRIO CORREIA

O ruído e o sem dominam os ares. A voz humana é impotente diante de tanta balbúrdia. É o século da velocidade, da mecânica, do arranha-céu. E os corações ficam pequeninos, as almas são absorvidas no turbilhão da civilização material. Nessa babel de grandeza terrena, a débil criatura humana, sem possibilidade de reação, é arrastada pelo impeto de aspirações efêmeras, escalando as alturas enganadoras, ostentando o brilho fictício que só pode impressionar os sentidos.

A noção do eterno e do valor do espírito se esvai da mente como fumaça, algo sem importância e imperceptível, que deixa de existir uma vez que não é visível em sua forma e tamanho. Os olhos não perscrutam os íntimos refulgos da alma. Limitam-se a uma visão superficial do aspecto exterior, tirando daí as conclusões imediatas do exame. De modo que tudo causará boa ou má impressão, conforme a aparência. Por esse raciocínio chegamos à conclusão de que "ser" é inferior a "ter".

Como consequência disso, dá-se a adaptação ao ambiente, a subordinação às convenções, enfim uma quase total sujeição da personalidade aos preconceitos. O indivíduo, à primeira vista reage, sente-se fora da órbita, do centro de gravitação, como se fôra um elemento estranho à constituição do corpo social. A uniforme direção das tendências e a homogeneidade do todo imitam muito bem o rio em seu curso natural. Diante da avalanche de nada servem os pequenos obstáculos, pois a resistência oferecida não pode sustar o furor da corrente.

A filosofia em voga é o utilitarismo materialista. Afoga todo idealismo e os nobres cometimentos. É a egolatria, antítese do cristianismo. A doutrina do Nazareno não é posta em prática. O deus onipotente é o "bezerro de ouro", adorado com veneração pelos homens.

No seio dessa organização, é bem visível o desajustamento social, de que resulta o mau funcionamento do conjunto, isto é, o descontentamento coletivo. Para gáudio e luxo de poucos vive a maioria

Visão fascinante

MARIUS

Da minha janela
eu te vejo
sentada na calçada
Os pés descalços,
brilham com a areia da rua.
Tuas mãos, precavidas,
seguram o vestido encarnado e modesto.
Os cabelos soltos,
louros, muito louros, voam ao vento,
e um sorriso, constantemente,
afloresce com doçura nos teus lábios.
Conversas com as amigas,
alegre, sem preocupação.
E eu, sentado à mesa,
tenho um livro nas mãos,
mas não consigo estudar.
Meus olhos se desviaram
e ficaram pregados em tua imagem.
Meu pensamento abandonou o livro
e permaneceu sonhando contigo.
A leitura terminou
Eu esqueço o resto do mundo...
Esqueço até de mim mesmo!

sacrificada e explorada. E todos os privilégios são gozados pela falsa elite dos que se locupletam a custo de suor alheio.

Há os que observam a crise, estudam-lhe as causas, verificam os seus efeitos. Animados pelo sentimento de fraternidade, apontam os meios de sanar os males, a fim de estabelecer equilíbrio e harmonia entre as classes. São os altruistas, almas privilegiadas, amantes do próximo, segundo os princípios cristãos. Crêem na salvação temporal e espiritual dos homens, através da religião e da prática de sua doutrina, como único caminho capaz de criar uma ordem econômica e moral duradoura. Essa legião de abnegados é relativamente diminuta, em virtude de ser o egoísmo o princípio motor de conduta.

Outros há que, descontentes e descrentes, buscam nas teorias materialistas a solução dos problemas. A falta de alicerce espiritual, prometem um paraíso neste mundo. Os métodos empregados são os de lutas entre as classes, procurando elevar o proletariado às culminâncias do poder, como classe dominante. Essa elevação se processa por uma radical mudança do sistema econômico de vida.

Entre uns e outros, coloca-se o reacionário, elemento retrógrado, que quer a todo preço impedir o desenrolar dos acontecimentos históricos, concorrendo para que se forme ambiente propício aos cataclismos sociais, provenientes da miséria do povo, que se rebela contra as injustiças quando não mais pode suportá-las. Somente depois de eliminar esse parasita, cuja mentalidade mórbida não reconhece que vivemos a época do «homem do povo», é possível conseguir um reajustamento social, processado dentro da ordem e da paz, para que a sociedade se edifique sobre bases sólidas, em que sejam asseguradas a liberdade e a dignidade humanas.

ANISIO MOREIRA DE SAMPAIO

Atacado e Varejo

Praça Coronel Jonas n. 926 — Telefone 256
Telegrama SAMPAIO — Parnaíba—Piauí

"A BATALHENSE"

Completo e sempre variado sortimento de artigos finos para presentes. Perfumes dos melhores fabricantes. Recebeu uma grande variedade dos mais modernos modelos de sapatos para senhora, criança e homem. A sua secção de sedas e tecidos em geral, sempre mostra à freguesia, as últimas novidades lançadas no mercado. Linhos, Tropicais, Sapatos, Roupas feitas. Gravatas, Meias, etc.

Mantem um stock especial de relógios Suíços, recebendo constantemente novos tipos

GRANDE SORTIMENTO

Sem compromisso visite "A BATALHENSE"

Reminiscências...

Raimundo Nonato da Cunha

Ginásio São Luiz Gonzaga (3a. série ginásial)

Que voz que sufoca minh'alma tristonha!
Oh! que diferença dos tempos d'outrora!
Meu ser já não vive, coitado nem sonha,
Nem sonha nem vive minh'alma d'agora.

Minh'alma oh! minh'alma tristonha anda em
[busca
Do amor e piedade sublime de alguém,
Da luz sacrossanta, bendita, que busca
As terras e mares e almas também...

Mas dentro do drama pungente da vida,
Enquanto mil cousas se passam em mim.
Lanço os olhos p'ra "minha infância querida"
E sinto saudade e tristeza sem fim.

Relembro saudoso as manhãs na fazenda,
Canários e galos, que os tinha, zeloso;
As dansas da infância por sob uma tenda...
Passeios montados, num potro garboso.

Caçadas longinhas com meus companheiros,
Cachorro acuado, latindo feroz,
E nós, agrupados tais quais bandoleiros
E a caça fugindo de perto de nós.

Adiante, ganindo, nos deixa o cachorro
Em busca da mata mais densa, mais bruta.
Revista balseiros, nas fraldas dum morro,
E dá com a caça enfim numa gruta.

De volta p'ra casa, eu cantava frioleiras,
Olhando o cachorro chotando na frente;
Lançava nas aves pedradas certas
E sempre brincava alegre, contente.

Veloz canoinha, que meu pai comprara,
Na qual eu vogava, sedento, no rio,
Veloz deslizava tocada por vara,
Bordando se as aguas de leve arrepio.

Que dor que sufoca minh'alma tristonha!
Oh! que diferença dos tempos d'outrora!
Meu ser já não vive, coitado nem sonha,
Nem sonha nem vive minh'alma d'agora.

Saber de cor não é saber. Pouco importa a recordação das palavras, que exprimiram um pensamento ou uma noção. O essencial é haver compreendido o que elas disseram.

MONTAIGNE

Poema à lua

— NOVAIS LIMA

Numa noite bem clara como o dia,
Ao ruído do vento o mar bramia
Com sua deslumbradora voz chorosa,
Eu que remava alegre e encantado
No prôa da canôa bem sentado,
Ouvia uma canção misteriosa.

A lua formosa que brilhava
Iluminava a terra que chorava,
Lá do seu reino além do horizonte;
Com seus raios repletos de bondade
Que a mim traziam mil felicidades
Vindas do vasto céu ou dos seus montes.

Eu que há dias estava apaixonado
Pois minha amiga havia me enganado
Deixando-me sózinho e com saudades;
A' encantadora lua repliquei:
Tu que a mim dás o enlevo do teu seio
Aceita esta reliquia de amizade.

Tú que me dás alívio nesta hora,
Dos tormentos que tenho ainda agora,
Acompanha-me tôda a tua existência.
Vem com tua mais sublime luz de prata,
Ludibriar-me nesta serenata
P'ra esta minha vida ou todo tempo.

Lua, és a soberana dêstes ares,
A princesa que encanta nossos mares
E toda a terra. És a rainha da noite.
A mim mostras agora neste instante,
O teu, talvez, o mais lindo semblante
Que se irradia por todo o espaço.

Tú que animas aos pobres navegantes,
Como eu que aqui andava sem amantes...
És a senhora filha da riqueza.
Eu te saúdo pelos meus tormentos,
Te saudarei também todos os tempos,
Oh! soberana deusa da beleza.

Anda com tua sublime luz de prata
Ludibriar-me nesta serenata
Que sózinho declamo colhos meus.
Nisto os raios do sol iam surgindo
E a bela luz da lua ia fugindo,
E eu, a olhei chorando e disse: «adeus».

NÓS E A NATUREZA

Secção Científica, sob a direção de Antônio de Pádua Monte e José F. Magalhães

Efemérides Científicas

- 1450— Tholde isola o antimônio, na Alemanha.
- 1605— Robert Hooke descobre as células da cortiça.
- 1667— Van Leeuwenhoek divisa pela primeira vez os micróbios.
- 1669— Brant, alquimista alemão, consegue isolar o fósforo.
- 1738— Mede-se pela primeira vez a velocidade do som.
- 1774— Scheele, na Suécia, descobre o cloro.
- 1789— Klaproth, na Alemanha descobre o urânio.
- 1803— Wollaston, na Inglaterra, isola o paládio.
- 1846— Realiza-se a primeira operação sem dor, pelo processo de anestesia pelo éter, descoberto por Morton.
- 1861— Bunsen e Kirchhoff, na Alemanha, isolam o rubídio, por meio do espectroscópio.
- 1865— Pasteur principia seus estudos sobre a praga dos bichos da seda, a pedido de seu antigo professor de química, Dumas.
- 1868— Regnault mede a velocidade do som, utilizando-se de um aparelho que marca o tempo decorrido entre a partida da onda sonora e a chegada desta a um determinado ponto.
- 1876— Koch demonstra ser o carbúnculo causado por um bacilo.
- 1887— Michelson realiza experiência de verificação da imobilidade do éter.
- 1891— O soro anti-diftérico de Roux é aplicado pela primeira vez numa criança.
- 1898— O casal Curie, na França, descobre o rádio.
- 1906— Morre em Paris, Pedro Curie, esmagado por um veículo.

Minúsculos Laboratórios

J. F. MAGALHÃES

Foz uma linda manhã de sol e por isso resolvo passear um pouco.

Corre silencioso o auto pela rodagem vermelha ladeada de casinhas humildes e tapetes verdejantes de capim.

O vento frio bafeja-me o rosto, trazendo de longe um sutil aroma de primavera.

Passarinhos gorgeliam alegremente, voando, silhuetados contra o azul brilhante de céu, ou trinam pousados nos fios do telégrafo.

Dou uma volta ao volante e o carro diminuindo um pouco a velocidade, desvia-se da estrada, parando pouco adiante em pleno vergel.

Deslumbrado contemplava eu aquela sinfonia primaveril, quando ocorreu-me à mente a ideia de que milhares de fenômenos admiráveis se processavam no interior daqueles seres que tanta graça emprestavam à paisagem.

Reações complicadíssimas eram feitas ali, no interior das pequeninas células, tão pequenas no tamanho, mas tão grandes na sua função de fundamento de toda a vida...

Minúsculos laboratórios capazes de produzir substâncias tão complexas que nem os mais sábios cientistas logram fabricá-las sinteticamente. São os tubos de ensaios da natureza...

Se as contemplamos através do microscópio, este olho mecânico que o homem imaginou e construiu, distinguimos o núcleo, centro vital da célula, como uma bolinha de vidro imersa na gelatina do citoplasma salpicado de pontinhos coloridos; uns verdes, os cloroplastídios, agentes da fotossíntese esta deslumbrante reação que todo vegetal verde executa em presença da luz; outros amarelos, os xantoplastídios cheios de xantofila, um composto químico resultante da oxidação da eritrofila, que impregna os leucitos vermelhos ou eritroplastídios.

De quando em quando a gente encontra uma célula cujo interior é ocupado por uma ou mais bolhas de água, as vezes tão grandes que chegam a comprimir o núcleo e o citoplasma contra a membrana celulósica; são os vacúolos aquosos, verdadeiros armazéns onde a célula acumula as substâncias de que se servirá mais tarde. É tão maravilhoso o mecanismo da pequena célula, que o núcleo não pode viver sem a citoplasma ou viceversa, como nos demonstra claramente a experiência de merotomia, ou mesmo a plasmólise, que se dá quando a célula é mergulhada numa solução hipertônica e que nos deixa ver o citoplasma afastando-se da membrana, porem nunca do núcleo. Isto acontece porque a solução penetra na célula, por osmose, provocando o afastamento do citoplasma que como uma substância lipo-protéica (formada de lipídios e protídios) não se dissolve, permanecendo como uma bolha de óleo num copo d'água.

Se observamos o núcleo com uma

Ciência divertida e curiosa

Há microscópios óticos pelos quais podemos apreciar espessuras até dois centésimos do micron, ou sejam dois centésimo-milionésimos do milímetro.

O MALAPTERURUS, peixe africano, produz uma corrente elétrica, cujo potencial chega a atingir cerca de 450 volts

Segundo as inextinguíveis experimentações de Michelson, a velocidade da luz é de 299.796 quilômetros por segundo.

A luminescência produzida pelos vagalumes é devida à combinação de uma substância chamada *luciferina*, com o oxigênio do ar.

Para estudar problemas da física molecular, Emil Borel serve-se da geometria a vinte e cinco dimensões.

objetiva mais poderosa, distinguimos claramente a membrana nuclear envolvendo o, o nucléolo, cuja importância ainda é em parte, ignorada, e os cromosomas, partículas encarregadas da reprodução e que conduzem no seu interior, os minúsculos genes, portadores dos caracteres hereditários; estes mesmos genes que os geneticólogos modernos estudam nos cromosomas das drosófilas e que atribuem serem eles, simples moléculas de proteína, do mesmo modo que dizem serem os virus moléculas de albumina, aproximando, estreitando mais as relações que existem entre o vivo e o inanimado... afinal de contas... será a molécula um ser inanimado? Não é ela constituída de elétrons que gravitam furiosamente em torno dos prótons nucleares como num universo absurdamente pequeno? Não será isto uma «vida» também porquanto o que nós chamamos de vida, não passa de uma energia, ou um conjunto de notabilidades de energias?

O velho conceito de vegetal e animal já foi, em parte, destruído, pois mesmo há alguns anos, Delage e Hérouard já escreviam «O animal e a planta são conceitos sem nenhuma realidade objetiva. Na natureza constituem apenas indivíduos» e alguém chegou a dizer que os animais, são plantas abundantes e os vegetais, animais estacínarios.

Resta-nos porem saber ainda as relações exatas entre o vivo e o inanimado; a energia e a matéria.

E enquanto a gente medita nestas cousas, observando uma pequenina célula... a vida continúa nestes minúsculos laboratórios...

Vagabundo

RUBIÃO SILVA

Voltei ontem à Passa-Quatro.

E só voltei para arranjar mais tristeza para a minha vida de triste.

O caso, desde o início, é este:

Era em 1935.

Naquele tempo eu era um frangote de 17 anos, terminando o ginásio. Minha cabeça era cheia de idéias e projetos loucos. Desejava conquistar o Brasil por meu talento. Tinha um caráter altivo, muita sensibilidade, e por qualquer coisa me zangava.

Namorava uma morena de lá, a Neusa.

Que morena! O meu tipo: alta, bonita pra xuxú, delgada, com uns cabelos pretos, e uns olhos castanhos, que me punham dôido.

E sua voz! Uma voz em que cantavam todos os passarinhos, e que era a melhor música para os meus ouvidos. Éramos dôidos um pelo outro; e só vivíamos juntos o dia inteiro, apesar de simples namorados.

Por razões de saúde, fôra obrigado a interromper os estudos no meio do ano, e estava sem fazer nada, exceto namorar.

Um dia, à mesa, mamãe disse: «Agora êle vai estudar aqui mesmo em Passa-Quatro, para não adoecer mais».

—«Que nada, mamãe. Vou para o internato de novo, e no meio do ano adoço e volto outra vez», respondi.

—«Ora, Maria — disse papae — deixemo-lo ir. O pai dele há de ter sempre um bom emprêgo para sustentá-lo»...

Aquilo foi mesmo que uma bofetada em mim. Feriu fundo. Como se eu fôsse um inútil que quizesse viver a vida tôda nas costas dêle.

O meu orgulho pulou logo e resolveu não me deixar, enquanto não me convencesse de que eu devia sair de casa, e ir pelo Brasil afora, viver como Deus quizesse. E como isso era velho desejo meu, o orgulho não teve muita dificuldade em realizar a tarefa.

Havia um grande impecilho: a Neusa. Conversando com ela, sempre que falava em partida, ela ficava triste, seus olhos se molhavam um pouco, e eu mesmo ficava comovido.

Mas uma noite resolvi-me. Dei-lhe um beijo. Um beijo longo, gostoso, quente. Era o primeiro que dava nela, e a comoção posterior atrapalhou um bocado minha resolução. No entanto, «banquei o duro» e disse-lhe sempre minha idéia.

O certo é que ela chorou muito, prometeu que havia de esperar por mim, deu-me uns beijos longos e doces, e parti à aventura.

Rodei êste Brasil tôdo, todinho, sertão e cidade. No interior aproveitando meus poucos conhecimentos, fui médico, jornalista, advogado, conferencista, o diabo a quatro. Ganhei algum dinheiro, conheci verdadeiros heróis anônimos, costumes e uzos da era colonial, vi

regiões, com as quais a maioria dos brasileiros nem sonhou. Senti palpitar ali, no âmago da pátria, a seiva quente da brasilidade, a seiva que alimenta a grandeza do Brasil. E deante do cenário magnífico da natureza, senti um cosmos em gestação, um mundo prestes a surgir ante os olhos estaziados da civilização. Pude também compreender, todo o drama do sertanejo desprotegido da civilização.

Andei também pelas cidades grandes, principalmente as da costa. Fui cozinheiro de restaurante, engraxate, condutor de bondes, carregador nos cais, e outras muitas profissões humildes.

Passei fome, enguli lágrimas de revolta, de dor, de saudade, sofri muito.

Quanto maior a cidade, mais civilizada, tanto maior saudade sentia de casa, tanto mais necessitava de alguém que se interessasse por mim, pois é mais duro o coração dos homens, maiores a falsidade e o egoísmo nas grandes urbes materialistas. Todos vivem como estranhos, como pessoas sem afinidades nenhuma nem mesmo o fato de serem companheiro da mesma viagem. E, para quem tem o coração sensível, e sente as misérias alheias, esta vida é horrível.

Encurtando: sofri o diabo, mas conheci o Brasil, e arranjei sempre algum dinheiro. Já se havia passado muito tempo, e nada de notícias de Passa-Quatro.

Resolvi vir até aqui, para vêr o que era feito dos meus e de Neusa.

Pois é preciso dizer que não me esquecera dela. Apesar de tôda a luta, sempre trazia na cabeça a lembrança dela, e na minha retina a sua imagem querida. Nada havia apagado dos meus lábios o gosto de seus lábios de virgem, e no meu coração ainda estava o amor dela. Logo que cheguei a esta velha Passa-Quatro, perguntei por Neusa. As primeiras pessoas não souberam dar informações.

Quando consegui notícias, foram tristes:

—Morreu há um mês!

E me informou onde era a sepultura dela no cemitério. Fui para lá e me ajoelhei á beira do túmulo. No meio daquelas cruzez impassíveis e tumbas frias, fui lembrando nosso imenso amor, os beijos os anos que passei longe dela, tudo mais. E rezei por sua alma a oração mais sincera que jamais rezei, oração misturada com lágrimas de saudades e dôr.

Contudo não me disseram, nem perguntei o que foi feito dela nos anos que passei fóra. Nem ao menos sei se ela me esperou ou se teve outros amores.

Ainda assim, esta foi a maior tristeza da minha vida de triste: a perda de Neusa, quando julgava voltar para ela.

Minha família não sei que rumo tomou.

xxx

Agora só me resta uma cousa, Neusa:

Voltar para a cidade grande, a viver naquele cemitério de sentimentos nobres, no meio daqueles corações duros e frios, como lousas de cemitério. Voltar para aquela cidade grande, cheia de hipocrisia, de falsidade, de baixeza, cheia de um rumor surdo de revolta a solapar os alicerces podres de uma ordem material e espiritualmente errada.

E voltar a sentir saudade de seu coraçãozinho puro e bom, de seus lábios de virgem, ó Neusa.

Passa-Quatro (Minas) 1946

Página Social

A cargo de VICENTE PASSOS

Há duas semanas atrás, a cidade tomou um aspecto diferente durante três dias. À tarde passavam pelas ruas caminhões carregados de pessoas que, de cara pintada e trajas à maneira das tendências de cada um, cantavam, riam e pulavam com as maiores manifestações de alegria.

À noite, no Club, acontecia o mais importante. Os blocos entravam em ação com suas fantasias de gala e o barulho se fazia de verdade.

Havia o cordão dos Pucha-Saco, o bloco dos Manda-Chava, o do

Tira Gôsto do Ano

MARIUS

Contra, e o das Portuguesas. Este último até recebeu uma grande taça como troféu da sua expansão, é justo que se diga, mais organizada, alegre e sem inconveniências.

E a festa prosseguia sempre bor-

borinhante e prazenteira...

Sem esforço concluímos que era o carnaval. E analisando bem as cousas admitimos que estavam todos "brincando de loucos". Loucos ou doidos.

Mas é isso mesmo. Já houve quem dissesse, em certo tempo, que o mundo não prestaria se os loucos não existissem. Isso é só aqui para nós, caro leitor. Ainda que tal opinião não pareça muito fora de lógica, não aparece quem queira ser maluco.

A DEBANDADA

No fim do ano, muitos estudantes de Parnaíba convergiram de tôdas as cidades e vieram à sua terra natal, gozar no convívio dos seus e entre as cousas que lhe são caras, o descanso das férias e os prazeres privados durante o ano.

Os livros e os estudos foram esquecidos. Houve jogos, danças, passeios e carnaval... Longos dias despreocupados na calma confortável do lar, passeios à praia de Amaração, etc.

Mas, agora, a corneta do novo ano letivo se fez ouvir de lado a lado. A coisa não pode mais continuar como estava. O geito que há é cada um tomar o seu rumo e enfrentar mais um ano de labutas. É o que está acontecendo. Chegou a hora da "debandada". Os que vieram estão voltando, e com eles vão novos elementos.

Pelo trem do dia 7 seguiram, com destino a Belo Horizonte: Vicente Pires dos Santos, Vicente de Paulo Santos Correia, Luiz Basto Correia e José de Anchieta Correia.

Pelo avião do dia 10 viajaram, com destino à Capital da República, os nossos colegas José Trindade, Paulo Trindade e Francisco Pinheiro Machado.

No dia 12, à noite, era grande a quantidade de pessoas que affluíu ao Pôrto Salgado para assistir a partida da Tamoio. Nela viajariam mais de uma quinzena de estudantes, que iam tomar o Comandante Riper no pôrto de Tutóia. Eram eles: Waldemar Machado Siqueira, Washington Freitas, João Humberto da Costa, Benito Sousa, Antônio de Pádua Monte e Francisco José Braga com destino ao Rio; Raimundo N. da Silva Pinto para Fortaleza; Alfredo Caldas Pires, Antônio de Pádua Magalhães e Antônio de Pádua Carvalho para Recife; José Pereira e Orfila Lima dos Santos com destino à Bahia; José Caldas Passos e Oswaldo Sampaio Almendra com destino a Belo Horizonte.

Pelo trem do dia 14 seguiram para Fortaleza os estudantes José Costa Bacelar e José Ramos de Sales; para Belo Horizonte Lenir Ramos, José de Oliveira Viana e F. Kreisler Rodrigues.

Pelo avião do dia 15 seguiu para S. Luiz o jovem Reginaldo Santos Furtado.

Por igual condução seguirão no dia 17, para For-

VALDEMAR MACHADO SIQUEIRA e
ORFILA LIMA DOS SANTOS

Com o fim de continuar os seus estudos, seguiram pelo Comandante Riper os nossos amigos e compsnheiros de trabalhos Valdemar Machado Siqueira, que aparecia nas páginas de RENASCIMENTO com o pseudônimo de Vamasí, e o acadêmico de engenharia Orfila Lima dos Santos. O primeiro com destino à Capital da República e o último à cidade do Salvador.

Enviamos aos nossos colegas os mais sinceros votos de felicidade, juntamente com a profunda gratidão de RENASCIMENTO.

ANIVERSÁRIOS :

Completaram anos :

Dia 10 : — A Exma. Sra. Diciola Costa, digna espôsa do Sr. Raimundo de Lima Costa.

Dia 11 : — O Snr. Ozias de Moraes Correia e a sênhorita Maria Elisa Costa Bacelar.

Dia 12 : — O jovem João Bosco Castelo Branco.

Dia 13 — O militar da Aeronáutica Capitão Dante Pires Rebelo; o estudante José de Anchieta Costa.

Dia 14 — A sênhorita Josefina Castelo Branco, filha do Sr. Epaminondas Caslelo Branco.

Farão anos :

Amanhã: — A interessante garota Ormezinda Rodrigues Chaves.

Dia 19 — A sênhorita Frassinetti Castelo Brauco.

Dia 23 — A gentil sênhorinha Maria Elisa Costa

Dia 25 — As sênhoritas Maria Sofia Furtado e Elizabeth Furtado, filhas do sr. Acrisio Furtado.

Dia 27 — O snr. Hermann Caldas Veras.

taleza a sênhorita Elizabeth Santos Furtado e para o Rio as sênhoritas Maria do Carmo, Maria de Jesus e Maria Tereza Correia. A 24 a srta. Frascinete Castelo Branco.

E' mesmo uma debandada...

RENASCIMENTO

Parnaíba — Domingo — 17 de Março de 1946

Cícero Silveira Viana

Aliança da Bahia Capitalização S/A

Amortização de Janeiro de 1946

Relação dos títulos contemplados
12.617 01.409 13.388 09.768 13.701

Amortizados com 120 mil Cruzeiros

Sr. Paul J. Chistoph — Capital Federal

Amortizados com 60 mil Cruzeiros

Sr. Silvério Ferreira Lopes — Belém Pará

Srs. Arlindo Quaresma & Irmão -- Carlos Chagas, Minas Gerais — Liberado

Amortizados com 30 mil Cruzeiros

Da. Ana Ferreira da Costa Mariz — Capital Federal

Sr. Pedro Menezes Coli — São Luiz Maranhão — Liberado

— Tecelagem Sêda e Algodão de Pernambuco — Recife Pernambuco — Liberado

Da. Rita Roberto — São Paulo — Liberado

Sr. Emidio Bussab — Brotas, São Paulo — Liberado

Amortizados com 24 mil Cruzeiros

sr. José Cota Janeiro — Salvador, Baía

sr. Olegário Gomes de Moraes - Vicência, Pernambuco

sr. Benedito Louzada - Marília, São Paulo

sr. Nicolau Kretschmar - Rio Caçador, Santa Catarina

sr. Norberto Pereira Candeixas - Ribeirão Preto, São Paulo

Amortizados com 12 mil Cruzeiros

sr. Clemente Afonso Brentano - Estrela, Rio Grande do Sul

sr. Portador - Capital Federal

dr. Pimentel Queiroz - Tupan, São Paulo

da. Rosalina Braga Buchara - Campo Grande, Mato Grosso

sr. Alcides Padilha & Cia. - Petrolina, Pernambuco

sr. Antonio Silvério de Moraes - Mossoró, Rio Grande do Norte

da. Abigail Oliveira de Andrade - João Pessoa, Paraíba

sr. José Pinto Ferreira - Recife Pernambuco.

sr. Oswaldo Albano de Souza - Manaus, Amazonas

sr. Carlos Veiga Soares — Capital

sr. José Bannaton Guimarães - Capital Federal

sr. Francisco de Paula da Silva p. s. f. Silva - Blumenau, Santa Catarina

da. Odette Dambra - São Carlos, São Paulo

da. Margarida Fialho Jobim - São Gabriel, Rio Grande do Sul

srs. Mariano Orlandi & Filhos Ltda. - Baurú, São Paulo

dr. João Américo Garcez Fróes p. s. f. João - Salvador, Baía

sr. Waldemar Ramos - Salvador, Baía — Liberado

sr. Horácio Cayres - Salvador, Baía - Liberado

sr. Ivo Rubem Ostermann - Taquara, Rio Grande do Sul - Liberado

sr. Eugênio Aldinge - Piracicaba, São Paulo - Liberado

da. Ilga Riter - Taquara, Rio Grande do Sul - Liberado

sr. Julio Lourenção - Brotas, São Paulo - Liberado

dr. Hercilio Porfirio de Brito Propriá, Sergipe - Liberado

Amortizados com 6 mil Cruzeiros

sr. Francisco Magno Batista - Salvador, Baía

sr. Waldo Navarro de Andraue - Salvador, Baía

da. Idalina Lorenzo Moreira - suore, Ilha de Marajó - Pará

sr. João Celmar Tubino - Porto Alegre, Rio Grande do Sul

sr. José de Paula Gomus - Capital Federal

da. Cecília Amaral Lisboa - Petropolis, Estado do Rio

da. Ricieri Cefaly - Araraquara, São Paulo

sr. Miguel Vita - Recife, Pernambuco - Liberado

sr. José de Almeida Veras - Parnaíba-Piauí - Liberado

sr. Rinaldo Nenes Bomfim p. s. f. Antonio - Anadia, Liberado

sr. Moacyr Rodrigue Cacho - Santos, São Paulo - Liberado

sr. Geraldo Pimenta - Bocauva, Minas Gerais - Liberado

da. Maria Ergina Freire Rostey - Cuiabá, Mato Grosso - Liberado

sr. Emilio de Laurentis - Jaboticabal, São Paulo - Liberado

O proximo sorteio realizar-se-á em 30 de Março de 1946

Agente nesta cidade — **João Cancio Rodrigues.**

Pelo trem de terça-feira próxima, seguirá para Teresina, de onde avionará para Belo Horizonte, o nosso amigo Cícero Silveira Viana, que vem desde o início dirigindo os destinos dêste jornal.

O Centro Estudantal Parnaíbano apresenta ao jovem estudante os mais sinceros agradecimentos pelo esforço e dedicação que dedicou em benefício da causa centrista, fazendo os melhores votos de feliz viagem e pleno êxito nos seus estudos.

DIVÓRCIO

A Igreja Católica permite a separação de corpos. Mas não deixa o fiel casar-se outra vez, isto é, não deixa BIZAR A BURRADA.

Murilo Mendes

Ciência divertida e curiosa

Van Helmont, adepto entusiasmado da 'geração espontânea, chegou a escrever êste absurdo: "Se se comprimir uma camisa suja, modificado pelo cheiro do grão, dá origem à transmutação do trigo em ratos, aproximadamente vinte e um dias depois."

As florestas submarinas de gorgônias, produzem cintilações luminosas que vão do violeta ao púrpureo, passando ao róseo, azul e verde.